

PATRIARCADO, GUERRA E POBREZA: VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES

Joséphine Kusinza

Intervenção no “Sem Preconceitos VIII”
Lisboa, 16 de Outubro de 2005

INTRODUÇÃO

Há mais de uma década, a Região dos Grandes Lagos Africanos é palco de conflitos armados internos e externos aos países vizinhos, neste caso, o Burundi, o Ruanda, a República Democrática do Congo e o Uganda.

Na verdade, guerras civis, guerras tribais, rebeliões seguidas de ocupação externa fizeram e continuam a fazer vítimas inumeráveis no seio das populações, através de massacres, matanças e outras violações massivas dos Direitos Humanos.

As mulheres pagaram o mais pesado dos preços, com as violações e violências sistemáticas e em grande escala, bem como sofrendo todo o tipo de violações específicas dos Direitos das Mulheres. Antes de entrar no cerne desta questão, é importante fazer um exercício de compreensão dos conceitos-chave do nosso tema, para compreender cabalmente o contexto socio-político no qual evolui a Região dos Grandes Lagos Africanos, desde 1993 até aos nossos dias.

• Patriarcado

Segundo o Dicionário Larousse, uma das definições para a palavra patriarcado é o tipo de família e sociedade de um dado grupo, caracterizado pela preponderância do pai sobre todos os outros membros da tribo.

É então um território sob a jurisdição de um patriarca.

No nosso tema, o patriarca será compreendido como poder absoluto exercido pelo homem sobre a sociedade, sem ter em conta a mulher, nem nenhum dos seus direitos e liberdades como ser humano, da mesma forma que o homem.

A vontade do homem é imposta à mulher, sem ter em conta a sua opinião, nem os seus interesses.

Trata-se, em outro termos, da ditadura masculina que influenciou, ao longo dos anos, todos os sistemas de gestão das comunidades, onde, de facto, o homem impõe a sua vontade à mulher em todos os domínios, incluindo até a negação do direito de decidir sobre o seu próprio corpo.

A prática da violação e de outras violências sexuais encontram o seu fundamento nesta consideração / neste argumento que inferioriza a mulher, considerando-a como “ser frágil”, incapaz de exercer um qualquer poder, tanto ao nível da família, da comunidade, como à escala nacional.

Esta consideração / este argumento coloca a mulher ao nível das coisas que fazem parte da propriedade do homem.

• Guerra:

Para o Dicionário Petit Larousse, a palavra guerra é conhecida com uma prova de força entre Estados, entre povos, entre partidos.

Fazer (a) guerra a alguém, acrescenta, é procurar destruí-lo.

A guerra diz-se civil quando se trata de uma luta armada entre as forças armadas e os partidos de um mesmo país; e psicológica quando ela é uma estratégia que exerce de forma

sistemática meios de propaganda de todos os tipos destinada a influenciar a atitude das populações ou das forças armadas.

A guerra é total quando ela envolve todas as actividades de uma população ou se tem como objectivo a aniquilação completa do adversário.

• Violence

Ainda com Larousse podemos dizer ainda que a violência é uma força brutal de seres animados ou um constrangimento exercido sobre uma pessoa pela força ou pela intimidação.

Entre os múltiplos tipos de violência existe a violência sexual, conhecida pelo termo “violação”.

Violar é transgredir ou infringir. É também penetrar num local, apesar de interdito.

No nosso sentido, violar uma mulher é impor-lhe um acto sexual sem o seu consentimento.

I. CONTEXTE SOCIOPOLITIQUE DE LA REGION DES GRAND LACS DE 1993 A 2005

A Região dos Grandes Lagos Africanos conheceu todas estas formas de guerra.

Na verdade, as guerras civis do Ruanda e do Burundi, que se seguiram ao conflito étnico entre as etnias hutu e tutsi de vários anos chegou ao seu ponto mais alto com o genocídio das populações tutsi e hutu moderadas em 1993 no Burundi e em 1994 no Ruanda.

No Burundi, de facto, apesar dos Acordos de Arusha e dos frequentes encontros entre beligerantes, a guerra continuou como se nada fosse, nos meios rurais e nas comunidades periféricas de Bujumbura. A evolução do processo de paz foi muito lenta. Depois da assinatura dos Acordos de Paz de Arusha, um Presidente de etnia Tutsi foi designada para o poder, 18 meses depois, uma alternância do poder foi operada, progressivamente, em favor de um Presidente de etnia Hutu. Foi o respeito pelo prescrito nos acordos assinados. Apesar da formação de um governo no cumprimento dos Acordos de Arusha, a paz não “chegou”, porque duas frentes da oposição não estavam integradas.

Com a vontade de por fim à guerra, um acordo foi assinada pelo novo governo com a principal força de oposição armada, as FDD-CNDD, que integraram o governo em 2004.

Foram feitos esforços para que as FNL Palipehutu fizessem o mesmo, mas em vão.

Ao abrigo destes acordos, 20% de mulheres entraram na Assembleia Nacional, 20% no Senado, 13% no Governo. De Fevereiro a Setembro de 2005, o Burundi organizou eleições livres e transparentes que levaram o FDD-CNDD ao poder.

O Ruanda, por seu lado, consolida progressivamente a sua segurança interior. Acordos de paz foram assinados entre o Ruanda e a República Democrática do Congo (R. D. do Congo), na África do Sul, em Julho de 2002, e foram reafirmadas em Sun City, em Outubro 2002. Foi a partir destes acordos que o Ruanda começou a retirar oficialmente as suas tropas da R.D. Congo e que se assiste progressivamente à normalização das relações entre os dois países.

No plano interno, o Ruanda pôs fim à transição e organizou as suas primeiras eleições gerais, através das quais 48% de mulheres ganharam assento no Parlamento, 48% no Supremo tribunal, incluindo a Presidência, 30% do Senado, 30% no Governo como ministras.

A R. D. do Congo, por seu lado, conheceu todas as formas de guerra descritas acima.

De facto, em 1996, uma rebelião, conduzida por Laurent Désiré Kabila, veio do exterior da R. D. do Congo, para por abaixo a ditadura de Mobutu. Esta rebelião, que tinha como principais aliados o Ruanda e o Uganda, levou a cabo um golpe de estado que retirou Mobutu do poder em 1997.

O Ruanda justificou a sua intervenção na R. D. do Congo pela presença das Interahamwe e das antigas forças armadas ruandesas “FAR”, responsáveis pelo genocídio dos Tutsi no Ruanda e que, para este país, constituem até hoje uma ameaça para a sua segurança.

A mesma razão é avançada pelo Burundi que sustentava que os rebeldes do FDD-CNDD e do FNL Palipehutu estavam a organizar-se no Leste da R. D. do Congo, para meter em perigo a segurança do Burundi, a partir das suas fronteiras com a R. D. do Congo.

Uma nova rebelião, a do RCD – Rassemblement Congolais pour la Democratie / Colectivo dos Congolezes pela Democracia - retomou a guerra no Leste do país em Agosto de 1998 e ocupou militar e politicamente o Leste da R. D. do Congo, conseguindo assim uma partição efectiva do país.

Desde então, as Províncias do Sud Kivu, do Nord Kivu, do Maniema, do Nord Katanga e da Província Oriental foram colocadas sob a administração da R. D. do Congo, que se reconstituía politicamente em Kigali.

Por outro lado, o distrito de Ituri, na Província Oriental, conheceu e conhece ainda combates étnicos muito violentos entre as milícias étnicas Hema e Lendu, e isto, apesar das múltiplas negociações dos acordos de cessar-fogo sob a égida da Comunidade Internacional e do Governo Congolês.

Note-se que os Hema sempre tiveram apoio militar do Uganda.

No Noroeste da R. D. do Congo, uma outra rebelião, a do MLC – Movimento de Libertação do Congo – de Jean Pierre Bemba, veio ocupar a Província do Equador. Uma boa parte do grande Nord Kivu (Beni e Butembo) seria ocupada pela RCD/K-ML de Mbutsa Nyamwisi, filho do território.

É preciso assinalar que os elementos das “FAR” e os “Interahamwe” continuaram os seus confrontos com as forças armadas ruandesas (APR) em território congolês.

No interior do país, nasceu uma força local de resistência, os Mai Mai, contra toda a ocupação estrangeira, nomeadamente do Ruanda e do Uganda, que se instalavam progressivamente no território congolês, sobretudo nas zonas mineiras do Kivu, da Província Oriental, do Maniema e do Nord Katanga.

Para salvar o poder de Kinshasa, o Governos de Kabila recorreu à ajuda de Angola e do Zimbabué.

Em 2002, depois da assinatura do acordo global e inclusivo em Sun City, África do Sul, as forças armadas ruandesas (APR) entraram oficialmente no Ruanda.

Todavia, o Congo está sempre ameaçado pelo Ruanda, por causa da presença dos “Interahamwe”, que ficaram em grande número nas florestas do Congo.

Do 28 de Maio ao 6 de Junho de 2004, o dissidente que falava ruandês, o coronel Jules Mutebusi, organiza uma insurreição contra as forças armadas congolêsas “FARDC”, sob pretexto de proteger as populações que falam ruandês no Congo.

Com a ajuda do General Nkundabatware, amotinador da 8ª região militar do Nord Kivu, cujas tropas vieram de Masisi, ocupa a cidade de Bukavu, lugar chave do Sud Kivu, durante sete dias.

Desde então, o território Congolês tornou-se um terreno de confrontos sangrentos entre múltiplas forças armadas e milícias, a saber:

- A rebelião da R. D. do Congo / Goma
- O exército do Ruanda
- O exército do Uganda
- A rebelião do MLC
- O exército Angolano
- O exército do Zimbabué
- Os Interahamwe e as antigas forças armadas ruandesas (FAR)
- As forças de resistência nacional Mai Mai
- L’armée Gouvernementale.

Neste contexto desastroso, conforme foi descrito pela CRAF – Comité du Rayon d’Action Femme / Comité do Raio de Acção Mulher – uma plataforma de 13 associações de luta contra as

violações, violências de todos os tipos foram perpetradas no território Congolês, como em todos os lugares por onde os grupos de invasão passaram: mulheres enterradas vivas, pilhagens, assassinatos, tomada de reféns, envenenamentos colectivos, incursões relâmpago, violações em massa, represálias de todo o tipo, também pilhagem de minerais, de madeiras preciosas e diversos outros recursos descritos pelo relatório das Nações Unidas sobre a pilhagem de recursos naturais na R. D. do Congo.

Estima-se, hoje, que foram mais de 3.500.000 mortos na R. D. do Congo.

II. AS VIOLAÇÕES E AS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES NA REGIÃO DOS GRANDES LAGOS AFRICANOS

Para fazer a nossa reflexão sobre MSF, citada pela CRAF na sua trabalho “Violações e Violências Sexuais no Sud Kivu: uma tentativa de aniquilação das comunidades”, podemos dizer que as guerras tornam as mulheres e as jovens mulheres particularmente vulneráveis. Mulheres, jovens mulheres e por vezes meninos e meninas são frequentemente violadas, levadas e submetidas a escravidão sexual forçada.

A desestruturação das estruturas económicas e sociais cria condições propícias à multiplicação destas violências. Quando são forçadas a abandonar as suas casas, as mulheres e jovens mulheres são separadas das suas famílias e por isso expostas a diversas agressões. Elas podem então ser constrangidas a fazer comércio com o seu corpo, para assegurar uma protecção ou simplesmente para ter um abrigo ou comida.

Nestas condições, as violações e as violências têm não apenas a se multiplicar-se, mas tendem também a tornar-se sistemáticas: as violações tornam-se uma arma de guerra em que as mulheres e as jovens mulheres são o alvo.

Assim, as violências sexuais não são mais apenas uma consequência ou um efeito secundário das guerras e das deslocações.

Elas tornaram-se uma arma deliberada de guerra, que visa desestabilizar e ameaçar uma parte da população civil. Geralmente, um grupo bem preciso. O inimigo escolhe atacar as mulheres e as jovens mulheres porque a humilhação e o mal que lhe infligem as afecta profundamente, afectam e humilham também as suas famílias e mesmo toda a comunidade. Lamentavelmente, mesmo quando a guerra termina, as violações, essas, continuam.

• No Ruanda

Segundo o relatório do MSF, citado pela CRAF, as mulheres tutsies foram sistematicamente violadas durante o genocídio. Estima-se que entre 300.000 a 500.000 mulheres ruandesas, tendo sobrevivido ao massacre, tenham assim sido violadas.

Depois do genocídio, o actual regime do Ruanda puniu severamente as violências sexuais. Apesar disto, as violências sexuais subsistem ao nível das famílias.

De facto, mulheres de todas as idades sofrem numerosos casos de violação. Os casos mais denunciados são os de meninas novas ou de jovens, violadas seja pelas pessoas as tomam a seu cargo, em família ou na escola, seja pelo amigos da família ou outras pessoas que frequentam a família, segundo Haguruka Asbl (pesquisa realizada em 2002).

As mulheres, em certos lugares, são ainda espancadas pelos seus maridos ou “concupinos”, já que os homens recusam a regularizar as uniões livres. A poligamia persiste em certas regiões, apesar da interdição pela lei e das estratégias implementadas pelas autoridades.

Actualmente, no Ruanda as violências contra as mulheres não se apresentam com a mesma amplitude como no Burundi ou na R. D. do Congo.

• No Burundi

No Burundi, as violências sexuais são comuns. Ainda que a amplitude exacta do fenómeno não seja ainda conhecida, as violações e as violências são geralmente cometidas sobre as

mulheres no momento em que os combatentes invadem as aldeias. No mês de Fevereiro de 2003, o MSF lançou uma campanha pelas vítimas de violação no Hospital de Ruyigi. Em média, 10 a 15 pacientes são aí examinadas todos os meses. Com muita sorte, a maior parte das vítimas chega ao hospital nas 72 horas seguintes à agressão, por vezes depois de ter caminhado 25km. Desta forma elas podem beneficiar de cuidados médicos adequados.

De acordo com as estatísticas dadas por um estudo realizado pela Sinergia Ruandesa para as Vítimas das Violências Sexuais no quadro do Jumelage Jeunesse Burundi (J.J.B.), para o período do 1 de Agosto de 2004 ao 31 de Maio de 2005, os resultados são os seguintes. No decurso da 1ª fase do projecto de assistência às violências sexuais, 650 vítimas foram acolhidas nas casas de aconselhamento, organizadas pelas 10 associações membros de Sinergia.

Em relação à idade das vítimas, as jovens mulheres e as mulheres com idades entre os 11 e os 20 anos são vulneráveis. É o intervalo de idade mais atingido (40,61%). São as crianças, sobretudo as do nível primário e secundário que são as mais atingidas.

Em relação ao estado civil: são as solteiras que são as mais atingidas (49,38%). De acordo com o nível escolar, os casos registados durante os 10 meses passados recaem sobre vítimas sem formação e crianças, 54,6% de mulheres iletradas e 31,69% de crianças da escola primária.

O estudo mostra que a maioria das vítimas é violada durante a noite, porque o perpetrador aproveita a obscuridade para cometer o crime.

As violações acontecem, para a maioria, na rua ou em lugares isolados, sobretudo durante a noite. 30,61% foram violadas na rua e em lugares isolados.

Em relação aos números sobre os violadores, 23,53% são homens armados desconhecidos, 38,76% são sujeitos armados conhecidos (a maior parte de forças armadas e combatentes). 15,69% foram violadas por sujeitos não armados desconhecidos e 22% por sujeitos não armados conhecidos (isto é, 143 vítimas).

• O estado civil das vítimas

São as mulheres solteiras que são as mais atingidas, 49,38%, e 22,76% de mulheres casadas. 10,48% são mulheres divorciadas e 6,30% viúvas.

Como indicam os números, constatamos então que, em grande medida, são homens armados que violam mulheres e meninas. Eles pertencem seja ao exército do Estado, seja aos exércitos rebeldes (FDD/CNDD, FNL)

À parte destes homens armados, os civis entregam-se alegremente a esta prática ignóbil e vergonhosa.

• Na República Democrática do Congo

Foi na R. D. do Congo que a mulher pagou o mais pesado preço a estas hostilidades. Milhares de mulheres foram levadas em massa para servir de escravas sexuais, outras foram violadas em suas casas, no domicílio, surpreendidas em pleno sono, nos pátios, em frente aos seus maridos e crianças. Outras nos campos, enquanto cultivavam ou nas florestas, enquanto procuravam madeira para aquecer-se, ou então ao longo do caminho, a caminho do mercado ou do rio. Enfim, por todo o lado, durante as actividades quotidianas.

Estes actos de violação eram acompanhados de pilhagens, as cabras, as galinhas, os coelhos, as roupas, os utensílios de limpeza eram levados como espólio de guerra.

• Como se faz isto?

■ *Formas de violências*

As mulheres da Região dos Grandes Lagos em geral, e especialmente as do Leste da R. D. do Congo, sofrem, até hoje, violências sexuais sem nome, sob formas jamais imaginadas

tais como violações em série, onde diversas mulheres são violados por diferentes homens, em série e publicamente:

- Os sequestros
- Os raptos para as florestas, seguidas de escravidão sexual
- O “comércio” das mulheres: os violadores, tendo levado e violado as mulheres, exigem um resgate de 100 a 200\$ para a libertação da vítima, até um determinado período bem definido, além do qual as vítimas são simplesmente mortas
- A sodomia: é uma forma de violência sexual imposta ao homem
- As torturas de todos os tipos: cortar seios, introdução de objectos cortantes ou de armas no sexo da mulher, mutilação do sexo feminino
- A violação incestuosa: obrigar um pai a violar a sua filha ou a sua enteada
- Etc.

Além das violências sexuais, outras formas de violência persistem, tais como:

- As torturas feitas às mulheres pelos diferentes exércitos e bandos armados, sem perseguição destes últimos
- Golpes e ferimentos voluntários infligidos à mulher pelo marido, que levam a graves consequências sem intervenção do poder público
- Torturas morais e físicas feitas à viúva aquando da morte do marido, prática ainda corrente em algumas comunidades congolezas
- Mulheres presas pelos delitos dos maridos
- Aprisionamento, lapidação das mulheres, muitas vezes de idade avançada e de meninas acusadas de feitiçaria

Outras violências são de tipo económico. Na verdade, o crescimento do desemprego e o não pagamento de salários fazem com o que peso da família recai somente sobre a mulher.

Depois das frequentes pilhagens de produtos agrícolas, das reservas de sobrevivência, dos bens domésticos, e da devastação dos campos nos meios rurais, as mulheres foram ainda mais empobrecidas.

Também a rigidez do sistema de crédito bancário, a ausência de micro finanças favoráveis e a não escolarização das mulheres, ao mesmo nível dos homens, não lhes oferece as mesmas oportunidades de acesso a um trabalho mais remunerado.

Outras violências resultam das desigualdades e injustiças em relação às mulheres. Citamos, por exemplo, a não acesso das mulheres viúvas e das meninas às partilhas da família, a persistência da autorização marital para as mulheres casadas que procuram emprego, o não reconhecimento dos herdeiros da mulher, porque o seu património não é considerado na hora das partilhas...

■ *Os actores das violências sexuais*

De maneira geral, a identidade do violador é difícil de determinar. Eles vêm frequentemente durante a noite, mascarados e intimidam as vítimas de tal forma que, tomadas pelo pânico, estas não têm a força ou a coragem de os olhar nos olhos. Mas, por causa da língua falada, são identificadas através de sua origem. De acordo com as mesmas pesquisas da CRAF, as milícias ruandesas interahamwe têm uma grande responsabilidade sobre as violações registadas na província do Sud Kivu. Estes são reconhecíveis quando vêm de dia ou quando levam as suas vítimas para a floresta. Entre os violadores, encontram-se também soldados ruandeses, burundeses, os militares da R. D. do Congo, os Mai Mai, os militares congolezes, mesmo civis.

■ *A amplitude das violações e das violências*

Na R. D. do Congo, as pesquisas realizadas pela CRAF, através da “41 CADEAL” (Cadre d’Écoute et d’Alerte / Quadro de Escuta e de Alerta), instalada nos territórios rurais da província Sud Kivu, identificou e registou 10.861 vítima, no período de Setembro a Julho de

2005. De acordo com as análises dos dados recolhidos, a maior parte das vítimas documentadas são da faixa etária dos 17 aos 29 anos, com 38% da amostra total em análise, e dos 30 aos 44 anos (34,4%). As mulheres mais velhas foram também violadas, 20 em cada 250, ou seja 8% da população total analisada, têm idades acima dos 60 anos. Estas infelizes foram vítimas das violações, torturas de todos os tipos, apesar da sua fraqueza física e da sua idade avançada.

De acordo com os resultados destas pesquisas, as mulheres foram violadas, continuamente, por 1 a 20 agressores. Uma afirma ter recebido 4, um após o outro. As vítimas afirmam ter sofrido, antes de serem violadas, algumas torturas e violências diversas. Estas pesquisas revelam que as mulheres continuam a ser violadas e com regularidades diversas. Algumas sofreram-nas por diversas vezes, seja semanalmente, seja mensalmente, seja trimestralmente...

Até 77% das mulheres que foram violadas, com desconhecimento dos seus maridos, fazem disso um segredo e temem que tal ou tal reacção dos seus maridos: “eles surpreenderam-me na cama com o meu marido e todos os meus filhos e começaram a atar o meu marido com cordas, deram-me bofetadas e ameaçaram liquidar-me. Em frente ao meu marido e aos meus filhos, obrigaram-me ao acto sexual”, diz uma mulher vítima de violação de Mukwidja (território de Kalehe).

Casos semelhantes existem por todo o lado na província de Sud Kivu, onde as violências sexuais atingiram pontos de paroxismo.

Em Bunia, a violência sexual foi utilizada sistematicamente como arma de guerra contra as mulheres. As violações foram particularmente numerosas em Maio de 2005, aquando dos confrontos, mas também em Dezembro de 2003. Enquanto que a calma tinha mais ou menos voltada à cidade, a segurança não estava totalmente restabelecida e a criminalidade persistia.

Entre Julho e Dezembro de 2003, a MSF tomou conta de 822 pacientes. Durante as consultas, as mulheres confiaram a pouco e pouco e começaram a contar as atrocidades que tinham sofrido.

A maior parte das vítimas têm entre os 13 e os 25 anos. Cerca de 27% de vítimas foram retidas em algum lugar, desde os dois dias a diversos meses, e foram utilizadas como escravas domésticas e sexuais. 45% das mulheres foram vítimas de violações colectivas e 53% das mulheres foram violadas pelo menos duas vezes. 7% das mulheres foram, em seguida, rejeitadas pelos seus maridos ou pelas famílias.

Os sofrimentos suportados pelas mulheres afectam ainda hoje a sua saúde física, mas também mental, e ambas devem ser cuidadas.

Na clínica da MSF, as primeiras recebem os primeiros cuidados e têm um tratamento médico e podem falar, pela primeira vez, de sua experiência.

O pessoal médico orienta-as de seguida para um centro de intervenção psicológico (CIP), um organismo que assegura acompanhamento psicológico (cf. CRAF).

III .CONSEQUÊNCIAS DAS VIOLÊNCIAS SEXUAIS

• As consequências físicas ou sanitárias

Os primeiros efeitos da violação são directamente constatados na saúde psíquica das vítimas. Cada vez antes da violação, a vítima é alvo de ameaças, golpes e ferimentos. Seguem-se consequências sanitárias graves, tais como a dilaceração de partes genitais, sobretudo nas vítimas que foram violadas por diferentes actores; infecções tal com o HIV/SIDA, a danificação dos órgãos de reprodução que vão desde a ablação do útero, dos ferimentos interiores profundos que trazem dores insuportáveis, que levam as vítimas à morte.

De acordo com os dados recolhidos pela CRAF, o intervalo de idade mais representativo é a os 20 aos 45 anos, que representa 65% dos casos. Isto mostra o quanto são as mulheres adultas em idade de procriação que são as mais atingidas pelas violências; o que tem como consequência gravidezes indesejadas e o aumento de raparigas mães. Considerando as idades dos 16 aos 60 anos, 92% das mulheres pertencem a uma parte da população colocada à margem por causa disso. O que tem um impacto negativo sobre a vida familiar e sobre a vida de toda a comunidade.

As mulheres casadas representam um grande número das vítimas, 322 ou seja 76,18%. O que tem uma implicação negativa sobre a vida dos casais.

É também demonstrado assim que em 70% dos casos registados de violação de viúvas, elas tornaram-se viúvas no mesmo incidente da violação. O que explica a pesada carga que deve suportar sozinha a mulher, mulher que já é marginalizada, traumatizada, refugiada e guetizadas se calhar por uma morte próxima (porque está infectada com SIDA) (ver CRAF, Violações e Violências...)

Seguindo os resultados estatísticas atingidos pela Sinergia Burundesa para as Vítimas de Violências Sexuais, ao longo de um período de 10 meses (do 1 de Agosto ao 31 de Setembro), 26% das vítimas ficaram grávidas em consequência das violações. As vítimas seropositivas beneficiaram da assistência de casas de escola; 18% das vítimas são seropositivas e continuam a seguir conselho nas diferentes casas de escolas. A grande dificuldade das doentes é a comida que falta para acompanhar os medicamentos, se bem que algumas preferiam abandonar os medicamentos pela falta de comida. 196 casos de gravidez pós-violação foram registadas pela Sinergia ao longo destes 10 meses, ou seja, 26% das vítimas.

Com a extensão da pandemia do SIDA, a violação tornou-se agora uma arma mortal.

Neste contexto, o acesso precoce aos cuidados de saúde apropriados, incluindo a profilaxia pós exposição (PEP), se tornou hoje uma questão de vida ou morte. É preciso agir mais além para tratar e apoiar as vítimas de violências sexuais e lutar para prevenir estas violências e evitar que elas aconteçam no futuro.

• **consequências económicas**

As violações são, a cada vez, acompanhadas de pilhagens, a partir das quais, as famílias se encontram desprovidas de todos os meios de sobrevivência. Elas são também obrigadas a deslocar-se para as matas e os campos vizinhos e abandonando assim as suas aldeias e bairros para procurar refúgio, abandonando campos, reservas... à mercê de violadores e pilhadores.

As populações deslocadas, tal como as famílias que as acolhem são todas muito pobres.

As mulheres e as filhas vítimas de violações e violências são marginalizadas, não vão mais ao campo e não exercem mais as suas actividades económicas e de auto-subsistência, quando são as mulheres (sobretudo na R. D. do Congo) que tomam a cargo as despesas da família, os homens tendo perdido o seu poder de compra por causa do não pagamentos dos seus salários. As mulheres estão imobilizadas, elas não produzem mais.

Todos estes factos aumentam a vulnerabilidade, a pobreza, a precariedade da mulher que já era desconsiderada na sociedade por causa do sistema patriarcal que a desconsidera e que a considera como uma coisa.

A agricultura torna-se assim quase improdutivo dado que as mulheres, principal mão de obra gratuita, fugiram das aldeias, depois das violações e violências massivas. E daí decorre a exacerbação extrema das famílias e da comunidade.

Actualmente, os violadores utilizam uma estratégia de levar consigo as mulheres e sobretudo as raparigas vítimas, para a floresta e exigem um resgate que varia entre os 100 e os 200 USD, para a libertação duma vítima levada para a floresta, depois de a ter torturado e/ou violado. Por vezes, ela é mesmo morta se o dinheiro não chega na data fixada. Esta forma

de violência é praticada pelos Interahamwe (FDLR), que estão na floresta do Sud Kivu, em território de Walungu, Kaniola, Nindja (Kabare).

• **Consequências psicológicas**

Constatamos que a maior parte das vítimas foram profundamente marcadas por este triste incidente na mudança dos seus comportamentos. A pena, a vergonha, as alucinações, o emagrecimento, a insónia, as vertigens, a cólera, o ódio ao masculino, os movimentos involuntários... assim, muitas delas evitam ir ao campo, ao rio, ao mercado, à escola...

Outras perderam o interesse pelas suas actividades preferenciais, se estas evocam experiências dolorosas. Elas sentem-se isoladas das pessoas que lhes são familiares, sentem-se culpabilizadas.

Elas, que imediatamente, após o acto foram culpabilizadas, julgadas, estigmatizadas, perderam confiança e experienciam enormes dificuldades em manifestar amor ou afeição a outras pessoas.

As vítimas reconheceram que geralmente têm um sentimento de pânico, estão nervosas, agitadas, rígidas e caem bruscamente no medo perante um desconhecido. As que estão numa situação desconfortável sentem-se solitárias, tristes. Outras dizem que as relações com a família se romperam totalmente. Para outras, os maridos e noivos fugiram.

A maior parte das vítimas percebem que só o bom Deus pode perdoá-lo e ajudá-las a sobreviver, porque já sobreviveram à agressão. Algumas entregam-se à oração, outras ao álcool e à droga.

Alguns maridos consideram que as vítimas estão “sujas” e cortam toda a relação, têm medo das doenças sexualmente transmissíveis, sobretudo da SIDA.

• **Consequências sócio-culturais**

Nas comunidades tradicionais, com os Bashi, os Batembo, os Balega, os Bifulero (no Sud Kivu), a violação é considerada como uma fonte de vergonha. As mulheres vítimas são, por consequência são rejeitadas pela sociedade. Elas não podem mais servir para os seus maridos, nem para os seus filhos, porque elas são consideradas manchadas, fontes de infelicidade, e de morte.

Uma vez vítima, a mulher violada é estigmatizada pelo seu marido, pela sua família e pela sociedade. É por isso que, se o acto da violação não foi cometido publicamente, se torna mais difícil para as vítimas a denúncia, por medo da sanção social. As consequências desta sanção são tais que, uma vez contaminadas ou infectadas, elas não são tratadas a tempo ou não são tratadas. O que leva mais tarde à vulnerabilidade das mulheres, à mortalidade e ao isolamento das vítimas.

Para sancionar os violadores, algumas comunidades aplicaram seja o isolamento, o lançamento de maus prenúncios, a expulsão dos violadores e a pena de morte ou as multas (cabras, cavas, ...) a gravidade da pena aplicada dependia da classe social à qual pertencia a vítima. Por exemplo, aquele que violou a mulher ou a filha de um camponês era sancionado diferentemente daquele que tinha violado a mulher ou a filha de um rei.

Uma das graves consequências sociais continua a ser o nascimento de filhas e filhos nascidos de violações. Algumas das crianças não são aceites nem pelas suas mães vítimas, nem pelos outros membros da família da vítima, por ser fruto da violação. O aborto não é reconhecido nem pela lei, nem pela Igreja. As vítimas permanecem as únicas a carregar esta cruz de toda a vida.

Escutámos mulheres que tentaram deixar as suas crianças à maternidade, maridos que exigiram às mulheres que simplesmente matassem tais crianças. Para que elas pudessem ser aceites de volta ao lar.

O caso das jovens mulheres vítimas, que se tornaram mães de crianças dos Interahamwe, constitui também uma questão à parte. A sua vida é interrompida, outras são rejeitadas pelas famílias, outras não vão mais à escola, ninguém se responsabiliza por elas e pelas

suas crianças. Elas erram por todo o lado, procurando ajuda. Elas são um alvo fácil para a prostituição, com todas as consequências que daí decorrem.

• Os aspectos jurídicos das violações e das violências

O silêncio, a indiferença e a inactividade dos actores político foram durante muito tempo a única resposta a este fenómeno. Infelizmente também, a impunidade é frequentemente a regra. Apesar dos progressos feitos no reconhecimento, à escala internacional, da violação e de outros actos de violência sexual como crimes de guerra, as medidas tomadas ao nível nacional e internacional são muito claras, mas são inadequadas.

No entanto, o Estatuto do Tribunal Penal Internacional faz referência específica à violação. Os actores locais, nacionais e internacionais devem tomar todas as medidas necessárias para abordar a questão da impunidade e para ajudar a prevenir tais actos de violência. A falta de justiça perante as violências sexuais é inaceitável. Estas continuarão, a menos que os dirigentes políticos e militares decidam finalmente agir.

Avanços no plano jurídico nos 3 países dos Grandes Lagos Africanos são já observáveis.

Na R. D. do Congo, tal como no Ruanda e no Burundi, a violação é um crime contra a Humanidade.

Actualmente, um processo contra cerca de 20 militares está em curso na cidade de Mbandaka, na província do Equador (R. D. do Congo); estes são perseguidos por ter violado massivamente uma centena de mulheres em 2005.

No Burundi, em 2000, 93 casos de violação foram levados a tribunal em 15 dos 17 tribunais do país. Em 2001, 92 casos foram levados a tribunal em 16 tribunais.

No Ruanda, o actual governo pune severamente todas as violências contra as mulheres.

Graças às acções de sensibilização e de *lobby* levado a cabo pela Pro-Femme, cujo gabinete em Kigali aceitou apoiar jurídica e gratuitamente 10 mulheres vítimas de violação. Os relatórios das mulheres afirma que todos os casos foram julgados e as sentenças lidas no mês de Dezembro de 2004. A Pro-Femme fez parte da comissão de acompanhamento da execução das sentenças pronunciadas em favor das mulheres vítimas de violência doméstica.

Nota-se que também um progresso considerável em relação às considerações do papel das mulheres na sociedade, com destaque para o seu nível de participação na gestão da vida pública.

No Burundi, as mulheres ocupam 30% dos postos da tomada de decisão nas instituições saídas das últimas eleições democráticas em 2005.

No Ruanda, a quota de 30% de mulheres, reconhecida internacionalmente, já foi ultrapassada porque as mulheres ocupam 48% dos postos ao nível do governo e da magistratura.

Na R. D. do Congo, o projecto de constituição propõe a paridade entre homens e mulheres nas estruturas de gestão do país.

• Alguns testemunhos sobre violações e violências

■ *Chamo-me E. O.*

Tenho 19 anos. Eu era aluna no segundo ano do secundário em Nindja, território de Kabare.

Por causa da guerra de 1998, os meus pais foram despojados dos seus bens e deixaram de ser capazes de pagar os meus estudos

Foi então que a minha mãe começou a comprar fritos em Bukavu para os revender em Nindjá. Disse então para mim que como me faltava o mais essencial, mais valia acompanhá-la a minha mãe lá onde ela comprava a mercadoria e ajudá-la a vender. A primeira vez parti com a minha mãe a Bukavu para ela comprar a sua mercadoria.

Na segunda viagem, era um sábado de Maio de 2003, cerca de 6 horas da manhã, na estrada do parque de Kahuzi Biega. Eu voltava de Bukavu com a mercadoria e acompanhada da minha mãe, quando bruscamente vimos dois homens aparecer, bem

armados e com chapéus enfiados até aos olhos. Eles começaram a pôr-se em nosso redor, apontando as suas armas para nós com um ar ameaçador. Eles disseram para nos dirigirmos para uns arbustos onde encontramos dois outros homens também armados. Nestes arbustos, estavam capturadas cerca de 50 outras pessoas como nós: homens, mulheres, confundidos, eles estavam assim por terra a ser vasculhados, alguns estavam gravemente feridos. Pediram-nos para nos sentarmos no chão. Um de entre eles veio para o meu lado. Comecei a gritar. Ele disse-me "Choras? Nós podemos matar-te, tu não és nada, e não serás a primeira que matamos!" A minha mãe disse-me: "Minha filha, fica calada, não quero ver-te morrer debaixo dos meus olhos!". O homem pôs o seu lenço sobre a minha cabeça para me reconhecer mais tarde entre todos os outros. Começaram a vasculhar todos os que tinham passado depois de nós. Dois destes homens escolheram uma mulher entre uma quarentena e começaram a violá-la dentro dos arbustos. A uma outra mulher abriram-lhe o crânio.

Quando eles quiseram ir-se embora, um deles lembrou-se do seu lenço sobre a minha cabeça e perguntou, "onde está a rapariga que tem o meu lenço?". Eu já tinha tirado e escondido o lenço e tinha posto os cestos da minha mãe para passar despercebida. Repetiu a pergunta. Vi-o então vir na minha direcção e encostar-me a ponta de um pau no meio de testa. Tirou-me do resto da multidão e levou-me, não sei para onde... chegada ao meio da estrada, perguntei-lhe onde me levava, e disse-me "vais ajudar-nos a carregar o nosso espólio com os outros". Perto dos 20km de caminho, comecei a fingir-me doente, caminhando atrás dele. Aproveitei a sua desatenção para fugir e esconder-me no meio das ervas altas. Perseguiu-me e apanhou-me porque eu tinha as pernas em sangue. Esperava que ele fosse meter-me uma bala para que eu morresse sem sofrer, pelo contrário. Disse-me "não te quero deixar, quero-te e não te quero partilhar!" Levou-me então para o seu esconderijo em plena montanha.

Encontrei pequenas cabanas cobertas com toldos. Numa delas havia mais oito raparigas...

Caída a noite, o homem que me tinha levado fez-me entrar na sua cabana e despiu-se diante de mim. Pediu-me que me deitasse na cama. Como eu resistia, atirou-me contra ele, despiu-me à força e pôs-se a violar-me. Vivi esta vida durante 3 meses, quando recusava era espancada. Em Junho, tive o meu período e em Julho fiquei grávida. Então, o meu "marido" separou-me do grupo e construiu uma cabana para mim, saía às 8h e voltava às 20h. Eu só via as nuvens e os animais todo o dia, ninguém passava por lá, eu tinha perdido a minha saúde. Quando me encontraram à beira da morte, pediram-me para ir morrer em casa dos meus pais. Foi porque eu rezara a Deus que tive a graça de ser libertada. Outras raparigas que se encontravam nas mesmas condições, eram simplesmente mortas. Requisitaram então pessoas para me levarem às costas até ao Walungu. Apanhei então um veículo até ao Bukavu, sábado, 18 de Agosto de 2003. Na segunda-feira, fui transferido para o Hospital Geral de Panzi. Fiz todos os exames e tratada. Alguns meses depois dei à luz um rapaz.

Como ainda estou viva, gostaria de re-encontrar a minha dignidade, retomar os meus estudos e ter uma vida mais ou menos normal. A mulher do pastor da nossa Igreja (Sayuni) diz que ela vai pagar-me os estudos. Este ano, ela inscreveu-me no terceiro ano do secundário.

Se tiver um pouco de dinheiro, dá-lo-ei à minha mãe, para que ela reforce a sua actividade de venda de cestos, assim ela venderá melhor para pagar os meus estudos, porque eu tenho a ambição de fazer enfermagem e tornar-me enfermeira assistente. Por agora, só os meus estudos me preocupam, não fui apressada para o casamento, nem para um qualquer namorado.

■ *Mama Safari* (chamamo-la assim) ...

... é uma mulher com cerca de 40 anos, mãe de oito crianças. Ela fala facilmente, os discursos seguem-se, como por necessidade de partilhar uma experiência demasiado pesada. Mama Safaria correu o risco muitas vezes de perder a vida. Uma vez, os

Interahamwe bateram violentamente na porta de sua casa às 11h da noite. Aparentemente era apenas um homem armado que lá estava, mas nos arredores havia todo um grupo. A mãe foi violada em frente a toda a sua família. Depois roubaram tudo o que havia na casa, deixando-a também a ela toda nua e tendo-a obrigado a ver a tortura infligida ao seu marido que cortaram aos bocados. Ela tinha de segurar a sua cabeça enquanto o degolavam, para que ele não estragasse a sua faca! Mama Safari, com uma dor transformada em risos, ela diz-nos que conhece todos os bocados debaixo das pálpebras, onde há gordura, diferente da que cobre os intestinos... ela descreve-nos o intestino, os rins, os músculos. O sexo do homem tinha sido agarrado pelo interior e arrancado pelas carrascos... levados para as florestas, ela pode fugir com os seus filhos. Mama Safari passa a noite connosco, mas, como ela nos havia dito, ela não consegue dormir, nem de noite, nem de dia. Ela conta, conta...

■ *Testemunho de uma menina vítima de violação com a idade de 13 anos*

Com a idade de 13 anos, em Maio de 2004, fui levada pelos Interahamwe para a floresta. Fomos levados depois de terem espancado e torturado o meu pai, que morreu no seguimento destas torturas. Eu fui explorada sexualmente, todos os dias, por três homens, durante os 100 dias que passei na floresta. Pela graça de Deus fugi e com 13 anos estava já grávida, não sabendo quem entre os violadores poderia ser o autor desta gravidez indesejável. Contaminaram-me com doenças venéreas, de que padeci durante muito tempo. Num estado deplorável, fui acolhida por uma associação sem fins lucrativos, que me orientou para o Hospital de Panzi para obter cuidados médicos.

Depois dos tratamentos, dei à luz, com a idade de 14 anos, um bebé menino e tornei-me mãe sem o querer, sem saber também qual seria a sorte desta criança sem pai, nascido de uma rapariga órfã de pai e mãe. A minha mãe tinha sucumbido, à dor da morte do seu marido. Uma mulher tendo dado à luz no Hospital Geran de Panzi declara: “Eu não quis ter esta criança. Não compreendo como posso criá-lo no meio dos meus doze filhos, abandonados pelo meu marido, assassinado pelos meus violadores que são seus pais. Durante o parto, disse categoricamente aos médicos que não me darem a criança, porque eu jamais a aceitaria na minha casa.

Éramos 3 mulheres que tínhamos pedido ao médico de levar estas crianças e de as criarem eles mesmo no Hospital, como crianças que pertenciam ao Hospital e não às nossas famílias. O médico deu-nos uma resposta que era tão directa como isto: “Minhas caras senhoras, se se tratassem de bebés do sexo feminino eu aceitaria, mas como são rapazes, em todo o caso, declino a minha responsabilidade.”

Estes testemunhos são extraídos do Estudo da CRAF: “Violações e Violências Sexuais no Sud Kivu – Uma tentativa de Aniquilamento das Comunidades”, Bukavu, Julho 2005.

- *No Ruanda, em Kigali, uma mulher de 25 anos foi espancada pelo seu marido na noite do 9 de Novembro de 2002. Este atou-a pelos braços com uma corda até à boca, até ficar completamente imobilizada. Deitou-lhe ácido pelas orelhas. A mulher foi queimada ao ponto da sua cabeça rebentar e ter morrido. O marido está na prisão desde então e os seus filhos espalhados por outras famílias (tirado de “Ponto de Situação das Mulheres na Região dos Grandes Lagos” da COCAFEM/GL).*

PATRIARCAT, GUÈRE ET PAUVRETÉ: VIOLENCES CONTRE LES FEMMES

Joséphine Kusinga

Intervention au "Sem Preconceitos VIII"
Lisbonne, 16 octobre 2005

INTRODUCTION

Depuis plus d'une décennie, la Région des Grands Lacs Africains est le théâtre des conflits armés internes et externes aux pays voisins en occurrence, le Burundi, le Rwanda, la République Démocratique du Congo et l'Uganda.

En effet, des guerres civiles, tribales, des rebellions suivies de l'occupation extérieure ont fait et continuent à faire des victimes innombrables au sein des populations suite aux massacres, tueries et autres violations massives des droits humains.

Les femmes en ont payé le plus lourd tribut suite aux viols et violences systématiques et à grande échelle ainsi que toutes les formes de violation des droits spécifiques des femmes.

Avant d'entrer dans le vif du sujet, il s'avère important de faire un exercice de compréhension des concepts clés de notre thème pour comprendre aisément le contexte sociopolitique dans lequel a évolué la Région des Grands Lacs Africains depuis 1993 à nos jours.

• Patriarcat

Selon Larousse, une des définitions du mot patriarcat est le type familial et social d'un groupe caractérisé par la prépondérance du père sur tous les autres membres de la tribu.

C'est aussi un territoire soumis à la juridiction d'un patriarche.

Dans notre thème, le patriarcat serait compris comme le pouvoir absolu exercé par l'homme sur la société sans tenir compte de la femme, ni d'aucun de ses droits et libertés comme être humain au même titre que l'homme.

Le vouloir de l'homme est imposé à la femme sans tenir compte de son avis ni de ses intérêts.

Il s'agit, en d'autres termes de la dictature masculine qui a influencé, au fil des années tous les systèmes de gestion des communautés où, en fait l'homme impose sa volonté à la femme pour tout jusqu'à lui priver même du droit de gestion de son propre corps.

La pratique de viol et autres violences sexuelles puise son fondement dans cette considération d'infériorisation de la femme la considérant comme « être faible », incapable d'exercer un quelconque pouvoir aussi bien au niveau de la famille, de la communauté, qu'à l'échelle nationale. Cette considération ramène la femme au niveau des choses faisant partie de la propriété de l'homme.

• Guerre:

Pour le petit Larousse, le mot guerre est connu comme une épreuve de force entre Etats, entre peuples, entre partis.

Faire la guerre à quelqu'un, ajoute-t-il, c'est chercher à le détruire.

La guerre est dite civile, quand il s'agit d'une lutte armée entre armée et partis d'un même pays ; et psychologique lorsqu'elle est une mise en œuvre systématique des moyens de propagande de tous ordres destinés à influencer l'attitude des populations ou des armées.

La guerre est totale quand elle embrasse toutes les activités d'un peuple où se donne pour objectif l'anéantissement complet de l'adversaire.

• Violence

Avec Larousse disons encore que la violence est une force brutale des êtres animés ou une contrainte exercée sur une personne par la force ou l'intimidation.

Parmi les multiples types de violences existe la violence sexuelle connu sous le terme «viol». Violier c'est, transgresser ou enfreindre. C'est aussi pénétré dans un lieu malgré l'interdiction. Dans notre sens, violer une femme c'est lui imposer un acte sexuel sans son consentement.

II. CONTEXTE SOCIOPOLITIQUE DE LA REGION DES GRAND LACS DE 1993 A2005

La région des Grands Lacs africains a connu toutes ces formes de la guerre. En effet, la guerre civile du Rwanda et du Burundi, faisant suite au conflit ethnique entre les ethnies hutu et tutsi depuis plusieurs années est arrivée à son point culminant avec le génocide des populations tutsies et hutus modérés de 1993 au Burundi et de 1994 au Rwanda.

Au Burundi, en effet, malgré les accords d'Arusha et les fréquents rencontres des belligérants, la guerre a continué de plus belle dans le milieu ruraux et dans les communes périphériques de Bujumbura. L'évolution du processus de paix a été très lente. Après la signature des accords de paix d'Arusha, un Président de l'ethnie Tutsi a été désigné au pouvoir, 18 mois après, une alternance au pouvoir s'est opérée en douceur en faveur d'un président d'ethnie Hutu. C'est fut le respect de prescrit des accords signés. Malgré la formation d'un gouvernement selon les accords d'Arusha la paix n'est pas revenue car deux branches d'oppositions n'étaient pas intégrées.

Avec la volonté de mettre fin à la guerre, un accord a été signé pour le nouveau gouvernement avec la principale opposition armée, les FDD-CNDD qui intégrant le gouvernement en 2004. Les efforts ont été poursuivis pour que les FNL Palipehutu fassent de même en vain. A l'issu de ces accords, 20% des femmes sont entrés à l'assemblée nationale, 20% au sénat, 13% au gouvernement. De février à septembre 2005 le Burundi a organisé des élections libres et transparentes qui ont hissé le FDD-CNDD au pouvoir.

Le Rwanda quant à lui consolide progressivement la sécurité à l'intérieur. Des accords de paix ont été signés entre le Rwanda et la RDC en Afrique du Sud en Juillet 2002 et ont été réaffirmés à Sun City en Octobre 2002. C'est à partir de ces accords que le Rwanda a commencé à retirer officiellement ces troupes de la RDC et qu'ont assistent progressivement à la décrispation des relations entre deux pays. Sur le plan interne, le Rwanda a mis fin à la transition et a organisé ces premières élections générales à l'issu des quelles, 48% des femmes siègent au parlement, 48 % à la cours suprême dont la présidence, 30% au Sénat, 30% au gouvernement comme ministre.

La R.D.Congo, quant à elle, a connu toutes les formes de la guerre ci- haut décrite. En effet, en 1996, une rébellion, conduite par Laurent Désiré Kabila est venue de l'extérieur de la RDC pour renverser la dictature de Mobutu. Cette rébellion qui avait comme principaux alliés le Rwanda et l'Uganda a renversé le pouvoir de Mobutu en 1997. Le Rwanda a justifié son intervention en RDC par la présence des Interahamwe et l'ancienne armée rwandaise « FAR », responsables du génocide des tutsi au Rwanda et qui, pour ce pays, constitue jusqu'aujourd'hui une menace pour sa sécurité. La même raison a été avancée par le Burundi qui soutenait que les rebelles du FDD/CNDD et du FNL Palipehutu s'organisaient à l'Est de la RDC pour mettre en péril la sécurité du Burundi à partir de leurs frontières avec la RDC.

Une nouvelle rébellion, celle du RCD (Rassemblement Congolais pour la démocratie) repris la guerre à l'Est du pays en Août 1998 et occupe militairement et politiquement l'Est de la République en consacrant ainsi une partition de fait du pays.

Depuis lors, les Provinces du Sud Kivu, du Nord Kivu, du Maniema, du Nord Katanga et la Province Orientale sont placées sous administration du RCD qui se réfère politiquement à Kigali. D'autre part, le district de l'Ituri en province Orientale, a connu et connaît encore des combats ethniques très sanglants entre les milices ethniques Hema et Lendu, et ce, malgré les multiples négociations sanctionnées par les accords de cessez le feu sous l'égide de la Communauté internationale et du Gouvernement Congolais. Notons que les Hema ont toujours joui de l'appui militaire de l'Ouganda.

Dans le Nord-Ouest de la RDC, une autre rébellion, celle du MLC (Mouvement de libération du Congo) de Jean Pierre Bemba, est venue occuper la Province de l'Equateur. Une bonne partie du grand Nord Kivu (Beni et Butembo) sera occupée par le RCD/K-ML de Mbutsa Nyamwisi, enfant du terroir. Il faut signaler que les éléments des FAR et les interahamwe ont continué leurs affrontements avec l'armée rwandaise (APR) sur le territoire congolais.

A l'intérieur du pays est née une force locale de résistance, les Mai Mai contre toute occupation étrangère, notamment du Rwanda et de l'Ouganda qui s'installaient progressivement sur le territoire congolais, surtout dans les zones minières du Kivu, de la Province orientale, du Maniema et du Nord Katanga. Pour sauver le pouvoir de Kinshasa, le Gouvernement Kabila a fait recourt à l'aide de l'Angola et et du Zimbabwe.

En 2002, après la signature de l'accord globale et inclusif à Sun City, en Afrique du Sud, l'armée rwandaise (APR) est rentrée officiellement au Rwanda. Toutefois le Congo est toujours menacé par le Rwanda à cause de la présence des Interahamwe restés en grand nombre dans les forêts du Congo.

Du 28 mai au 6 juin 2004, le dissident rwandophone, le colonel Jules Mutebusi, organise une mutinerie contre les forces armées congolaises « FARDC » sous prétexte de protéger les populations rwandophones du Congo.

Avec l'aide du Général Nkundabatware, mutin de la 8ème région militaire du Nord Kivu dont les troupes sont venues de Masisi, il occupa la ville de Bukavu, chef lieu du Sud Kivu, pendant sept jours.

Dès lors, le territoire Congolais est devenu un terrain des affrontements sanglants entre multiples armées et milices à savoir :

- *la rébellion du RCD/Goma*
- *L'armée Rwandaise*
- *L'armée Ugandaise*
- *La rébellion du MLC*
- *L'armée Angolaise*
- *L'armée Zimbabwéenne*
- *Les Interahamwe et l'ancienne armée Rwandaise (FAR)*
- *Les forces de la résistance nationale Mai Mai*
- *L'armée Gouvernementale.*

Dans ce contexte désastreux, comme le décrit le CRAF(Comité du Rayon d'Action femme) ,une plate forme des 13 associations de lutte contre les viols, des violences de toutes sortes ont été perpétrées sur le territoire Congolais ,comme partout ailleurs où les hordes d'invasion sont passées : femmes enterrées vivantes, pillages, assassinats, prises d'otages, empoisonnements multiples , rafles, des viols en masses, représailles de toutes sortes, aussi des pillages des minerais, du bois précieux et diverses autres ressources décrites par le rapport des Nations Unies sur le pillage des ressources naturelles en RDC.

On estime aujourd'hui à plus de 3.500.000 morts en République Démocratique du Congo.

II. LES VIOLATIONS ET LES VIOLENCES CONTRE LES FEMMES DANS LA REGION DES GRANDS LACS AFRICAINS

Pour faire nôtre la réflexion de MSF cité par le CRAF dans son ouvrage « Viols et Violences sexuelles au Sud Kivu : une tentative d'Anéantissement des communautés », disons que les guerres rendent les femmes et les jeunes filles particulièrement vulnérables. Femmes, jeunes filles et parfois des jeunes enfants sont trop souvent violés, enlevés et contraints à un esclavage sexuel forcé.

La déliquescence des structures économiques et sociales crée un nid propice à la multiplication de ces violences. Quand elles sont forcées de quitter leurs maisons, les femmes et les jeunes filles sont séparées de leurs familles et donc exposée à diverses agressions. Elles peuvent alors être contraintes de faire le commerce de leur corps pour s'assurer une protection ou simplement pour avoir un abri ou se nourrir.

Dans ces conditions, les viols et violences ont non seulement tendance à s'augmenter mais tendent même à devenir systématiques : les viols deviennent une arme de guerre dont les femmes et les jeunes filles sont la cible.

Alors les violences sexuelles ne sont plus seulement une conséquence ou un effet secondaire des guerres et de déplacements.

Elles sont devenues une arme de guerre délibérée, qui vise à déstabiliser et menacer une partie de la population civile. Généralement un groupe bien précis. L'ennemi choisi de s'en prendre aux femmes et aux jeunes filles car l'humiliation et le mal qu'il leur inflige les affectent profondément, touchent et humilient aussi leur famille et même toute la communauté. Malheureusement, quand bien même la guerre est finie, les viols, eux continuent.

- **au Ruanda**

Selon un rapport du MSF cité par le CRAF, les femmes tutsies ont été systématiquement violées pendant le génocide. On estime que 300.000 à 500.000 femmes Rwandaises ayant survécu au massacre auraient ainsi été violées.

Après le génocide, le régime actuel du Rwanda punit sévèrement les violences sexuelles. Malgré cela, les violences sexuelles subsistent au niveau des familles :

En effet, les femmes de tout âge subissent des nombreux cas de viols ; les cas le plus rapportés sont ceux des filles à bas âge ou les jeunes, violées soit par les gens qui les prennent en charge, en famille ou à l'école soit par les amis de la famille ou autres personnes fréquentant la famille selon Haguruka Asbl (enquête réalisée en 2002).

Les femmes, dans certains endroits sont encore battues par leurs maris ou concubins, refus par les hommes de régulariser les unions libres, la polygamie persiste dans certaines régions malgré l'interdiction par la loi et les stratégies prise par les autorités.

Actuellement, au Rwanda les violences faites aux femmes ne se présentent plus sous la même ampleur comme au Burundi et en RDC.

- **au Burundi**

Au Burundi les violences sexuelles sont courantes. Bien que l'ampleur exacte du phénomène ne soit pas encore connue, les viols et violences sont généralement commis sur les femmes lorsque les combattants armés envahissent les villages. Au mois de février 2003, MSF a lancé une campagne pour les victimes du viol à l'hôpital de Ruyigi.

En moyenne 10 à 15 patients y sont examinés par mois. Fort heureusement la plus part des victimes arrivent à l'hôpital dans les 72 heures qui suivent l'agression, parfois après avoir marché 25 Km. De cette façon elles peuvent bénéficier des soins médicaux appropriés.

Suivant les statistiques données dans une étude réalisée par la synergie Burundaise pour les victimes de violences sexuelles dans le cadre de Jumelage Jeunesse Burundi (J.J.B) pour la période du 1er Août 2004 au 31 Mai 2005, il ressort les résultats suivants :

Au cours de la 1ère phase du projet d'assistance aux violences sexuelles, 650 victimes ont été accueillies dans les maisons d'écoute, organisées par 10 associations membres de la synergie.

Par rapport à l'âge des victimes, les jeunes filles et femmes dont l'âge varie entre 11 et 20 ans sont vulnérables. C'est la catégorie d'âge la plus touchée (40,61%). Ce sont les enfants surtout du niveau primaire et secondaire qui sont les plus touchés.

Par rapport à l'état civil : ce sont les célibataires qui sont les plus touchées soit (49,38%). Suivant le niveau scolaire, les cas enregistrés durant les dix mois passés concernant surtout les victimes sans formation et les enfants soit 54,6% des femmes illettrés et 31,69 % d'enfants de l'école primaire.

L'étude montre que la majorité des victimes est violée pendant la nuit parce que le bourreau profite de l'obscurité pour commettre le forfait.

Les viols se déroulent pour la plus part dans la rue ou les lieux isolés surtout pendant la nuit. 30, 61% ont été violées dans la rue et dans les lieux isolés.

Par rapport au nombre des violeurs, 23,53% sont des hommes armés non connus, 38,76 % sont des sujets armés connus (pour la plupart des forces armés et combattants)

15,69% ont été violés par des sujets non armés inconnus et 22% par des sujets non armés connus (soit 143 victimes).

- **L'état civil des victimes**

Ce sont les célibataires qui sont les plus touché : 49,38% et 22,76% des femmes mariées, 10,48% des femmes divorcées et 6,30% des veuves

Comme les chiffres l'indiquent, nous constatons donc qu'en grande partie, ce sont les hommes en armes qui violent les femmes et filles. Ils appartiennent soit à l'armée régulière soit à la rébellion (FDD/CNDD, FNL)

A part ces hommes en armes, les civiles s'adonnent à cœur joyeux à cette pratique ignoble et honteuse.

● A la République Démocratique du Congo

C'est en RDC que la femme a payé le lourd tribut de ces hostilités. De milliers des femmes ont été emportées en brousse pour servir d'esclaves sexuelles, les autres ont été violées chez elles à domicile surprises en plein sommeil, dans la cour devant leurs mari et enfants, Certaines au champs entraînent de cultiver ou en brousse à la recherche du bois chauffage ou alors le long de la route vers le marché ou la rivière, bref, partout, pendant les activités quotidiennes.

Ces actes de viol étaient accompagnés de razzia, les chèvres, les poules, les lapins, les habits, les effets de ménage étaient emportés comme butins.

● Comment ça ce fait?

■ Formes de violences

Les femmes de la région des Grands Lacs, en général et spécialement celles de l'Est de la République Démocratique du Congo subissent jusque maintenant des violences sexuelles sans nom, sous des formes jamais imaginées telles que les viols en série ou plusieurs femmes sont violées par plusieurs hommes en série et publiquement.

- *Les séquestrations.*
- *Les enlèvements dans les forêts suivies de l'esclavage sexuel.*
- *La traite des femmes : les violeurs ayant enlevés et violés les femmes exigent une rançon de 100 à 200\$ pour la libération d'une victime après un délai bien déterminé, au delà duquel les victimes sont tout simplement tués.*
- *La sodomisation et la bestialité : c'est une sorte de violence sexuelle imposé à l'homme.*
- *Les tortures de tout genre : On coupe les sein, introduction des objets tranchants ou des armes dans le sexe de la femme, la mutilation du sexe féminin.*
- *Le viol incestueux : L'on oblige un père a violer sa fille ou sa belle fille etc.*

A part les violences sexuelles, d'autres formes de violences persistent telles que :

- *les tortures faites aux femmes par les différentes armées et bandes armées sans poursuite de ces derniers*
- *coups et blessures volontaires infligés à la femme par le mari entraînant des graves conséquences sans l'intervention du pouvoir public.*
- *tortures morales et physiques faites à la veuve à la mort du mari ; pratique encore courantes dans certaines communautés congolaises.*
- *femmes arrêtées pour les fautes des maris*
- *emprisonnement, lapidation des femmes, souvent âgées et des petites filles accusées de sorcellerie.*

D'autres violences sont de type économiques. En effet, l'accroissement du chômage et le non paiement des salaires font que le poids de la famille repose sur la femme seule.

Suite aux fréquents pillages des produits agricoles, du cheptel, des biens ménagers, et la dévastation des champs dans les milieux ruraux, les femmes ont été appauvries d'avantage.

Aussi, la rigidité du système de crédit bancaire, l'absence du micro finance en faveur et la non scolarisation des femmes au même titre que les hommes ne leur offrent pas les mêmes chances d'accès au travail plus rémunérateur...

D'autres violences sont résultantes des inégalités et injustices à l'égard de la femme. Citons par exemple, la non accession des femmes veuves et filles à la succession familiale, la persistance de l'autorisation maritale aux femmes mariées en quête d'emploi, la non reconnaissance des héritiers de la femme car son patrimoine n'est pas considéré lors de la succession...

■ Les acteurs des violences sexuelles

D'une manière générale l'identité du violeur est difficile à déterminer. Ils viennent souvent la nuit, masqué et intimident fortement les victimes de sorte que saisies de panique ces dernières n'ont la force et le courage de les regarder dans les yeux. Mais à cause de la langue parlée on les identifie suivant leurs origines. Selon les mêmes enquêtes du CRAF les milices rwandaises interahamwe portent la grande responsabilité de viols enregistrés dans la province du Sud Kivu. Ceux-ci sont remarquables quand ils viennent la journée ou quand ils emportent leurs victimes

en brousse. Parmi les violeurs on compte aussi les soldats rwandais, Burundais, les militaires du RCD, les Mai Mai, les militaires Congolais, même les civiles

■ *L'amplitude des violations et des violencecs*

En RDC, les enquêtes réalisées par le CRAF à travers les 41 CADEAL (cadre d'écoute et d'alerte) installés dans les territoires ruraux de la province du Sud-Kivu ont identifié et enregistré 10.861 victimes pour la période allant de septembre 2002 à juillet 2005. Selon les analyses des données enregistrées, la plupart des victimes documentées sont dans la classe d'âge de 17 à 29 ans avec 38 % de l'échantillon total de l'analyse, et de 30 à 44 ans (34,4%), les vieilles femmes ont été aussi violées.

20 sur 250 soit 8% de la population totale analysée sont âgées de plus de 60ans. Ces malheureuses ont été victimes des exactions, viols, tortures de toutes sortes malgré leur faiblesse physique et leur âge avancé.

Selon les résultats de ces enquêtes continuellement, les femmes ont été violées par 1 à 20 agresseurs. Une affirme avoir reçu 4, l'un après l'autre. Les victimes ont affirmé avoir reçu avant de subir le viol certaines tortures et violences diverses.

Ces enquêtes révèlent que les femmes continuent à être violées et à des fréquences multiples. Certaines en ont subi plusieurs fois, soit hebdomadairement, soit mensuellement, soit trimestriellement...

Jusqu'à 77% les femmes qui ont été violées à l'insu de leurs maris en font un secret et craignent tel ou tel autres réaction de leurs maris : « il m'ont surpris dans le lit avec mon mari et tous mes enfants et ont commencé par ligoter mon mari par des cordes, m'ont administrés des gifles et menacer de me liquider. Devant mon mari et mes enfants, ils m'ont forcé à l'acte sexuelle », à dit une femme victime de viol de Mukwidja (territoire de Kalehe).

Pareils cas existent partout dans la province du Sud Kivu où les violences sexuelles ont atteint les points son paroxysme.

A Bunia, la violence sexuelle a été utilisée systématiquement comme une arme de guerre contre les femmes. Les viols ont été particulièrement nombreux en mai 2005 lors des affrontements mais aussi en décembre 2003. Alors que le calme était plus ou moins revenu dans la ville, la sécurité n'était pas totalement rétabli et la criminalité persistait.

Entre Juillet et décembre 2003, MSF a ainsi soigné quelques 822 patientes. Pendant les consultations, les femmes se sont peu à peu confiées et ont commencé à raconter les atrocités vécues.

La plupart des victimes sont entre 13 ans et 25 ans. Environ 27 % des victimes ont été retenus n'importe où, de deux jours à plusieurs mois et ont été utilisés comme des esclaves domestiques et sexuelles. 45 % des femmes ont été victimes des viols collectifs et 53 % des femmes ont été violés au moins deux fois. 7 % des femmes ont en suite été rejetées par leurs maris ou leurs familles.

Les souffrances qui ont endurés ces femmes affectent encore aujourd'hui leur santé physique mais aussi mentale, et les deux doivent être soignés.

Dans la clinique de MSF, les premiers reçoivent les premiers soins et un traitement médical et peuvent parler pour la première fois de leur expérience.

Les personnel médical les guident ensuite vers les centre d'intervention psychologique (CIP) un organisme qui assure le suivi psychologique (confère CRAF)

III .LES CONSEQUENCES DES VIOLENCES SEXUELLES

● **Les consequences phisiques ou sanitaires**

Les 1ers effets du viol sont directement constatés sur la santé physique des victimes. Chaque fois avant le viol, la victime est objet des menaces, coups et blessures. Il s'en suivent des conséquences sanitaires graves telles que les déchirures des parties génitales surtout pour les victimes qui ont été violées par plusieurs acteurs ; des infections telles que les IST/SIDA, l'endommagement des organes de reproduction qui vont jusqu'à l'ablation de l'utérus, des blessures intérieures profondes à la base des douleurs insupportables qui emmènent la victime jusqu'à la mort.

Selon les données enregistrés par le CRAF, la tranche d'âge la plus représentative est celle allant de 20 à 45 ans qui représente 65% des cas. Cela montre combien ce sont les femmes adultes en âge de procréation qui ont été le plus touchées par ces violences ; cela doit entraîner des cas de grossesses indésirables et l'augmentation des filles mères. Considérant l'âge de 16 à 60 ans, 92% des femmes appartenant à la population ainsi mise en marge de la société. Ce qui a un impact négatif sur la vie familiale et sur la vie de toute la communauté.

Les femmes mariées représentent un grand nombre des victimes, 322 soit 76,18%. Ce qui a une implication négative sur la vie des couples.

Il est montré aussi que 70% des cas enregistrés des veuves les sont devenus à l'incident du viol. Ce qui explique la lourde charge que doit porter seule la femme, laquelle femme est déjà marginalisée, traumatisée réfugiées et guettées peut être par la mort prochaine (parce que infecté par le VIH), (CRAF, Viols et violences...)

Suivant les résultats statistiques atteintes par la synergie Burundaise pour les victimes des violences sexuelle, au cours d'une période de 10 mois (du 1er Août au 31 Septembre) 26% des victimes ont connu les cas de grossesse après le viol. Les victimes séropositives ont bénéficié d'une assistance de maisons d'école ; 18% des victimes sont séropositives et continuent à suivre le conseil aux différentes maisons d'écoles. La grande difficulté des malades c'est, la nourriture qui manque pour accompagner les médicaments si bien que certains préfèrent abandonner les médicaments par manque des nourritures 196cas de grossesses post viol ont été enregistrés par la synergie au cours de ces 10 mois soit 26 %

Avec l'extension de la pandémie du Sida, le viol est devenu maintenant une arme mortelle.

Dans ce contexte, l'accès précoce à des soins de santé appropriés y compris la prophylaxie poste exposition (PEP), est devenu aujourd'hui une question de vie ou de mort. Il faut agir d'avantage pour traiter et soutenir les victimes des violences sexuelles et lutter pour prévenir ces violences et éviter qu'elles ne se produisent encore dans le futur.

• **conséquences économiques**

Les viols sont chaque fois accompagnés des pillages, d'où, les familles se trouvent dépourvues de tous moyens de survivre. Elles sont aussi obligées de se déplacer dans les brousses les champs avoisinant les habitations et désertent ainsi leurs villages et quartiers pour chercher refuge, abandonnant, champs, cheptel... à la merci des violeurs et pillards.

Les populations déplacées ainsi que les familles qui les accueillent sont toutes pourpérisées.

Les femmes et filles victimes des viols et violences sont marginalisées, ne vont plus au champ et n'exercent plus leurs activités économiques et d'autosubsistance, alors que ce sont les femmes qui supportent (surtout en RDC) les charges de la famille, les hommes ayant perdu leurs pouvoirs d'achat à cause du non payement de leurs salaire. Les femmes sont immobilisées, elles ne produisent plus.

Tous ces faits augmentent la vulnérabilité, la pauvreté, la précarité de la femme qui été déjà déconsidérée dans la société à cause du système patriarcat qui la déconsidère et qui la considère comme une chose.

L'agriculture devient quasi inproductive du fait que les femmes, principales main d'œuvre gratuite ont fuit les villages de suite des viols et violences massifs. D'où l'exacerbation de la pauvreté extrême des familles et de la communauté.

Actuellement les violeurs utilisent une stratégie d'enlever les femmes et surtout les filles victimes, ils les emmènent dans la forêt et exigent une rançon variant entre 100\$ US à 200\$ US pour la libération d'une victime emportée dans la forêt après l'avoir torturée et/ou violée. Parfois même elle est tuée si l'argent ne revient pas à l'échéance fixée. Cette forme de violence est pratiquée par les Interahamwe (FDLR) qui sont dans la forêt du SUD KIVU, en territoire de Walungu, Kaniola, Nindja (KABARE).

• **Conséquences psychologique**

On constate que la plus part des victimes ont été profondément marquées par cet incident malheureux dans le changement des comportements ; la peur , la honte, les hallucinations, l'amaigrissement, d'insomnie, des vertiges, la colère, la haine du masculin ,les mouvements involontaires... Ainsi, plusieurs d'entre elles évitent d'aller au champ, à la rivière, au marché, à l'école...

D'autres ont perdu d'intérêt à leurs activités préférentielles si elles évoquent leurs douloureuses expériences. Elles se sentent isolées des personnes qui leurs sont familières, se sentent culpabilisées.

Elles qui immédiatement après l'acte ont été culpabilisées, jugées, stigmatisées, ont perdu confiance et éprouvent d'énormes difficultés à manifester de l'amour et de l'affection aux autres personnes.

Les victimes ont reconnu qu'elles ont souvent le sentiment de paniquer, sont nerveuses, agitées tendues et tombent brusquement dans une peur de l'inconnu. Celles qui sont dans une situation inconfortable se sentent solitaires, tristes. D'autres disent que les relations avec la famille sont rompues totalement. Pour certaines, les maris et les fiancées ont fui.

La plupart des victimes se rendent compte que seul le bon Dieu peut le pardonner et les aider à survivre surtout qu'elles ont survécu à l'agression. Certaines s'adonnent à la prière, d'autres à l'alcool et à la drogue.

Certains maris considèrent que les victimes sont souillées et coupent toute relation, ils ont aussi peur des maladies sexuellement transmissibles surtout le VIH.

• **Consequencias socio-culturelles**

Dans les communautés traditionnelles, comme chez les Bashi, les Batembo, les Balega, Bafulero (au Sud-Kivu) le viol est considéré comme source de souillure. Les femmes victimes sont par conséquent rejetées de la société. Elles ne peuvent plus servir ni leurs maris, ni leurs enfants parce qu'elles sont considérées comme souillées, source de malheur, de la mort.

Une fois victime, la femme violée est stigmatisée par son mari, sa famille et la société. C'est pourquoi si l'acte de viol n'a pas été commis publiquement, les victimes ont du mal à le dénoncer de peur d'une sanction sociale. La conséquence de cette sanction est tel que, une fois contaminées ou infectées, elles ne sont pas soignées à temps ou pas du tout. Ce qui entraîne plus tard la vulnérabilité des femmes, de la mortalité et l'isolement des victimes.

Pour sanctionner les violeurs, certaines communautés ont appliquées soit l'isolement, le fait de jeter le mauvais sort, l'expulsion des violeurs et la peine de mort ou les amendes (Chèvres, vache,...). La gravité de la peine appliquée dépendait de la classe sociale à laquelle appartenait la victime. Exemple, celui qui a violé la femme ou la fille d'un paysan était sanctionné différemment de celui qui a violé la fille ou la femme du roi.

Une des graves conséquences sociales reste la naissance des enfants nés du viol. Certains des enfants ne sont pas acceptés ni par leurs mères victimes ni par les autres membres de la famille de la victime par ce que les fruits des grossesses. L'avortement n'étant pas reconnu ni par la loi ni par l'Eglise, les victimes restes les seules porteuses de cette croix toute la vie.

On a entendu des femmes qui ont tenté de laisser leurs enfants à la maternité, des maris qui ont exigé à leurs femmes de tuer tout simplement des tels enfants afin qu'elles puissent être ré- acceptées dans le ménage.

Les cas des filles victimes, devenues mères des enfants des Interahamwe constituent aussi une question à part. Leur vie est interrompue, d'autres sont rejetées par les familles, d'autres ne vont plus à l'école, personne n'assume leur charge et celle de leurs enfants. Elles errent partout, cherchant de l'aide. Elles sont en proie à la prostitution, avec toutes les conséquences qui en découlent.

• **Les aspects juridiques des violations et des violences**

Le silence, l'indifférence et l'inactivité des acteurs politiques ont été longtemps la seule réponse à ce phénomène. Malheureusement aussi, l'impunité est souvent de règle. Malgré les progrès réalisés de la reconnaissance, à l'échelon internationale, du viol et d'autres actes de violences sexuelles comme crimes de guerre, les mesures prises au niveau nationaux et internationaux sont très claires mais restent inadéquates.

Néanmoins le statut de la Cour internationale fait désormais spécifiquement référence au viol. Les acteurs locaux, nationaux, et internationaux doivent prendre toutes les mesures nécessaires pour aborder la question de l'impunité et aider à prévenir de tels actes de violences. Le manque de justice reste inacceptable aux violences sexuelles. Celle-ci continueront, à moins que les dirigeants politiques et militaires ne décident finalement à agir.

Une avancée sur le plan juridique dans les 3 pays des Grands Lacs africains est déjà observée.

En RDC, comme au Rwanda et au Burundi, le viol est institué en crime contre l'humanité.

Actuellement un procès contre environ 20 militaires est en cours dans la ville de Mbandaka, en province de l'Equateur (RDC) ; ceux-ci sont poursuivis pour avoir commis un viol massif sur une centaine de femmes en 2005.

Au Burundi, en 2000, 93 cas de viol ont été portés en appel devant 15 des 17 tribunaux que compte le pays. En 2001, 92 cas ont été portés en appel devant 16 tribunaux.

Au Rwanda, l'actuel gouvernement punit sévèrement toute violence faite aux femmes.

Grâce aux actions de sensibilisation et de plaidoyer menée par les Pro-femmes, son bureau de Kigali a accepté de soutenir juridiquement et gratuitement 10 femmes victimes de viols. Le rapport des femmes affirme que tous les cas qui ont été jugés, et les jugements ont été exécutés au mois de décembre 2004. Pro-femmes a fait partie de la commission de suivi de l'exécution des jugements prononcé en faveur des femmes victimes des violences domestiques

L'on remarque aussi une avancée considérable par rapport à la considération de la femme dans la société et notamment au niveau de sa participation à la gestion de la chose publique.

Au Burundi, les femmes occupent les 30% des postes de prise de décision dans les institutions issues des dernières élections démocratiques de 2005.

Au Rwanda, le quota de 30% reconnu internationalement aux femmes est déjà dépassé car les femmes occupent 48% de postes au niveau du gouvernement et de la magistrature.

En RDC, le projet de constitution propose la parité homme-femme dans les structures de gestion du pays.

• **Quelques témoins sur des violations et des violences**

■ *Je m'appelle E.O*

J'ai 19 ans. J'étais élève en deuxième secondaire à Ninjda, territoire de Kabare. A cause de la guerre de 1998 mes parents ont été dépouillés de leurs biens et sont devenus incapable de payer nos études.

C'est alors que ma mère à commencer a acheté des fretins à Bukavu pour les revendre à Nindja. Je me suis dit que comme j'ai manqué même le strict minimum, il valait mieux que j'accompagne ma mère là ou elle achète sa marchandise et que je l'aide à vendre. La première fois je suis partie avec ma mère à Bukavu pour qu'elle achète sa marchandise.

Au deuxième voyage, c'était un certain samedi de mai 2003 vers 6 heures du matin, sur la route du parc de Kahuzi Biega, je revenais de Bukavu avec la marchandise et accompagnée de ma mère, quand brusquement nous vîmes deux hommes surgir, bien armés et portant des chapeaux abaissés jusqu'au niveau des yeux ; ils ont commencer à nous entourés, pointant leurs armes sur nous d'un air menaçant. Ils nous ont demandés de nous diriger vers un buisson ou nous rencontrâmes deux autres hommes armés aussi. Dans ce buisson il y avait capturé prêt de 50 autres personnes comme nous : hommes, femmes confondus, ils étaient assis par terres en train d'être fouillé, certains d'entre eux étaient gravement blessés. Ils nous ont demandé de nous assoire par terre. L'un d'entre eux vint en mes côtés. J'ai commencé à crier. Il me dit « tu pleur ? Nous pouvons te tuer, tu n'es rien, et tu n'es pas la première que nous tuerons ! ». Ma mère me dit : « Ma fille garde le silence, je ne voudrais pas te voir mourir sous mes yeux » l'homme me met son foulard sur la tête pour me reconnaître plus tard parmi tous les autres, ils ont commencer a fouiller tous ceux qui étaient passés après nous. Deux de ces hommes choisirent une femme dans la quarantaine et commencèrent à la violer dans un buisson. A une autre femme ils fendirent le crâne

Lorsqu'ils ont voulu s'en aller, l'un d'eux s'est rappelé qu'il a mis son foulard sur ma tête, il a demandé « ou est la fille que j'ai porté mon foulard ? ». J'avais déjà enlevé et caché son foulard et mis les pagnes de ma mère pour passer inaperçu. Il répéta encore sa question. Je l'ai vus alors venir vers moi et mettre le bout d'un bâton au milieu du front. Il me retira du reste de la foule et m'emmena je ne sais ou... Arrivé au milieu de la route, je lui demandé là ou il voulait m'emmener, il me dit « tu nous aidera à porter notre butin avec les autres », a peu près 20 Km de marche, j'ai commencé à feindre la maladie, marchant derrière lui. J'ai profité de son inattention pour fuir et me caché dans les hautes herbes. Il m'a poursuivi et m'a attraper car j'avais des jambes en sang. J'espérais qu'il allait me tirer une balle pour que je meure sans souffrir, au contraire il me dit « je ne veux pas te laisser, je te désire et je ne veux pas te partager ». Il m'a alors emmener dans leur maquis en pleine montagne.

J'ai trouvé des petites cabanes couvertes des bâches ; dans l'unes d'elles il y avait huit autres filles...

A la tombée de la nuit, l'homme qui m'avait emmener me fit entrer dans sa cabane et se déshabilla devant moi. Il me demanda de m'allonger sur le lit. Comme je résistais il m'a attiré à lui, me déshabilla de force et se mit à me violer. J'ai vécu cette vie pendant 3 trois mois, quand je refusais j'étais battus. En juin, j'ai eu mes règles et en juillet je suis tombée enceinte. Alors mon conjoint m'a éloigné du groupe et a construit une cabane pour moi, il partait à huit heure et revenait à 20 heures. Je ne voyait que les nuages et les animaux toutes la journée, personne ne passait par là, j'avais perdu ma santé. Lorsqu'ils m'ont trouvé mourante, ils m'ont demandé d'aller mourir chez mes parents. C'est parce que je priais Dieu que j'ai eu la grâce d'être relâché ; d'autres filles qui se trouvaient dans les mêmes étaient tout simplement achevées. Ils ont alors réquisitionnés des gens pour me porter au dos jusqu'à Walungu. J'ai ensuite pris un véhicule jusqu'à Bukavu le samedi 18 Août 2003. Le lundi j'ai été transféré à l'hôpital général de Panzi. Je fit tout les examens et fut guérie. Quelques mois après j'ai accouché d'un garçon.

Comme je suis encore en vie, je voudrais retrouver ma dignité, reprendre mes études et avoir une vie plus ou moins normale. La femme du pasteur de notre Eglise (Sayuni) dit qu'elle va payer les études pour moi. Cette année, elle m'a inscrite en 3ième année secondaire.

Si j'ai un peu d'argent, je donnerais à ma mère, qu'elle renforce son activité de vente des pagnes ainsi elle vendra mieux pour payer mes études car j'ai l'ambition de faire les sciences infirmière et de devenir infirmière assistante. Pour le moment, seule mes études me préoccupent, je n'étais pas pressée pour le mariage ni même pour un quelconque petit copain.

■ *Mama Safari (nous l'appellerons ainsi)...*

...est une femme d'environ 40 ans, mère de huit enfants. Elle parle facilement, les récits se suivant, comme par un besoin de partager une expérience trop lourde. Mama Safari a risqué plusieurs fois de perdre sa vie. Une fois, les interahamwe ont frappé violemment la nuit à 11heure à la porte de sa maison. Apparemment, ce n'était qu'un homme armé qui était là, mais dans les alentours, il y avait tout un groupe. La maman a été violée devant toute sa famille. Après on a tout pris dans sa maison en la laissant même nue et on l'obligée d'observer la torture infligée à son mari qu'on a coupé par morceau. Elle devait tenir sa tête pendant qu'on l'égorgeait pour qu'il n'abîme pas leur couteau ! Mama Safari, avec une douleur transformée en rires, nous dit qu' elle connaît tout les petits sous les paupière il y a de la graisse , différente de celle qui couvre les intestins ...elle nous décrit l'intestin, les reins ,les muscles. Le sexe de l'homme était saisi de l'intérieur et arraché par les bourreaux ...emmenés vers la forêt, elle a pu s'enfuir avec ces enfants. Mama Safari passe la nuit avec nous, mais, comme elle nous avait dit, elle ne parvient pas de dormir ni de jour ni de nuit ; elle raconte, raconte ...

■ *Témoignage d'une fillette victime de viol à l'âge de 13 ans*

A l'age de 13 ans, en mai 2004, j'ai été emporté par des interahamwe dans la forêt. Ces premiers ont été emporté après avoir tabassé et torturé mon père qui mourût suite à ces tortures. J'étais exploité sexuellement chaque jour par trois hommes pendant 100 jours que j'ai passés dans la forêt. Par la grâce de Dieu j'ai fui et à l'âge de 13 ans et demi j'étais déjà engrossée ne sachant pas qui parmi les auteurs pourrait être l'auteur de cette grossesse indésirable. Ils m'ont contaminée des maladies vénériennes dont j'ai souffert pendant longtemps. Dans un état déplorable, j'ai été accueillie par une association sans but lucratif, qui m'a orienté à l'hôpital de Panzi pour des soins.

Après les traitements, j'ai accouchée à l'age de 14ans d'un bébé garçon et suis devenu mère sans le vouloir, ne sachant pas aussi ce que serait le sort de cet enfant sans père, né d'une fillette orpheline de père et de mère. Ma mère avait succombée, émut par la mort de son mari « une femme ayant accouchée à l'Hôpital Général de Panzi déclare : Moi je n'ai pas voulu avoir cet enfant. Je ne comprends pas comment je peux l'élever parmi mes douze enfants laissés par mon feu mari assassiné par mes violeurs qui sont ses pères. En accouchant j'ai catégoriquement aux médecins de me donner l'enfant car je ne l'accepterais jamais dans ma maison.

Nous étions trois femmes qui avions demandé au docteur de prendre ces enfants et de les élever eux même à l'Hôpital comme les enfants appartenant à l'Hôpital et non à nos familles. Le docteur nous a fait une réponse qui était si directe :

« Mes chères dames, s'il s'agissait des enfants de sexe féminin je les prendrait, mais comme ce sont des garçons en tout cas je décline ma responsabilité ».

Ces témoignages sont tirés de l'ouvrage du CRAF : « Viol et Violences sexuelles au Sud Kivu, Une Tentative d'Anéantissement des Communautés, Bukavu, juillet, 2005 »

- *Au Rwanda, à Kigali, une femme de 25 ans a tété battue par son mari dans la nuit du 9 novembre 2002. Ce dernier l'a liée les bras avec une corde à la bouche jusqu'à la rendre immobile. Il lui a versé de l'acide dans les oreilles. La femme a été brûlée au point que sa tête a éclaté et elle en est morte. Le mari est en prison depuis lors et leurs enfants sont éparpillés dans d'autres familles (tirée de « Etat de lieu de la situation des femmes dans la Région des Grands Lacs par COCAFEM/GL»).*